

MARY BALOGH

*LIGEIRAMENTE
INDECENTE*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ANA ÁLVARES

ASA

CAPÍTULO 1

Uma vez que passara a quase totalidade dos seus vinte e cinco anos em Inglaterra e, por conseguinte, a salvo de grande parte das hostilidades que assolavam o resto da Europa desde a subida ao poder de Napoleão Bonaparte, Lord Alleyne Bedwyn, terceiro irmão do duque de Bewcastle, não era experimentado em batalhas campais. Mas ouvira com sofreguidão as histórias de guerra que o irmão mais velho, Lord Aidan Bedwyn, coronel de cavalaria que se reformara recentemente, por vezes contava, e, portanto, presumira que o cenário não lhe seria completamente estranho.

Mas enganara-se.

Imaginara fileiras perfeitamente formadas, com os ingleses e seus aliados de um lado, o inimigo do outro e, entre eles, terra tão plana como os recreios de Eton¹. Imaginara a cavalaria, a infantaria e a artilharia imaculadas e pitorescas nos seus diferentes uniformes, movendo-se com exatidão e lógica, como peças num tabuleiro de xadrez. Imaginara que a rápida sucessão de disparos perturbaria o silêncio mas não o anularia. Imaginara a clareza de visão, a possibilidade de observar em permanência os diversos pontos do campo

¹ Eton College – escola privada para rapazes da elite inglesa, fundada em 1440. (*N. da T.*)

de batalha. Teria imaginado, acaso lhe tivesse ocorrido, ar limpo e puro de se respirar.

Enganara-se em todos os aspetos.

Não era propriamente um militar. Chegara recentemente à conclusão de que estava na altura de fazer algo útil na vida e ingressara na carreira diplomática. Fora destacado para a embaixada de Haia, sob a orientação de Sir Charles Stuart. Mas este e vários dos seus funcionários, nos quais se incluía Alleyne, haviam partido para Bruxelas quando as tropas aliadas ali se reuniam sob o comando do duque de Wellington, devido a uma nova ameaça de Napoleão Bonaparte, que escapara do exílio na ilha de Elba na primavera e estava novamente a reunir um exército formidável em França. Agora, a batalha longamente aguardada entre as duas forças desenrolava-se nos campos ondulados e acidentados a sul da aldeia de Waterloo. E Alleyne encontrava-se no cerne do confronto. Oferecera-se como voluntário para levar uma carta de Sir Charles a Wellington e para regressar com a resposta.

Sentia-se grato por ter saído de Bruxelas sozinho. Poderia ter-lhe sido difícil ocultar a um possível companheiro de viagem que nunca tivera tanto medo na vida.

O barulho da artilharia era o pior. Estava para além do som. Ensurdedia-lhe os ouvidos e martelava-lhe o estômago. E o fumo era tanto, que lhe congestionava os pulmões e lhe irritava os olhos, tornando-lhe praticamente impossível ver para além de escassos metros em qualquer direção. Em todo o lado, homens e cavalos circulavam na lama criada pela chuva torrencial da noite anterior, naquilo que parecia a Alleyne o caos absoluto. Oficiais e sargentos gritavam ordens e, surpreendentemente, conseguiam fazer-se ouvir. O cheiro acre do fumo misturava-se com o fedor daquilo que supunha serem sangue e vísceras. Apesar do fumo, via mortos e feridos para onde quer que olhasse.

Parecia uma cena saída do inferno.

Aquela, compreendeu, era a realidade da guerra.

O duque de Wellington tinha a fama de estar sempre na zona mais feroz da batalha, expondo-se ao perigo sem temor e, surpreendentemente, escapando incólume. Aquele dia não era exceção. Depois de pedir informações sobre o paradeiro do duque a pelo menos uma dúzia de oficiais, Alleyne encontrou-o finalmente numa escarpa da qual se avistava a quinta de La Haye Sainte, na sua posição estratégica que os franceses atacavam com todas as forças e que uma tropa de soldados alemães defendia com igual violência. O duque não podia ter escolhido uma posição mais exposta ao fogo inimigo. Alleyne entregou a carta e concentrou-se imediatamente em controlar a sua montada. Tentou não pensar no perigo que corria, mas era impossível não atentar na proximidade do rugido dos canhões e no sibilar das balas dos mosquetes. Sentia um medo pavoroso.

Teve de aguardar que Wellington lesse a carta e ditasse depois a resposta a um dos ajudantes. A espera pareceu-lhe interminável, pois observava a batalha pela tomada da quinta – sempre que conseguia vê-la através da fumaça provocada pelos milhares de armas. Viu homens a morrer e julgou que morreria também. E, se sobrevivesse, perguntou a si próprio, voltaria a conseguir ouvir? Voltaria a encontrar sanidade? Por fim a carta chegou, ele guardou-a a salvo num bolso interior e preparou-se para partir. Nunca se sentira tão grato na vida.

Como é que Aidan conseguira suportar aquela vida durante doze anos? Que milagre fizera com que tivesse sobrevivido, casado com Eve e decidido viver na Inglaterra rural?

Quando sentiu a dor aguda na coxa esquerda, Alleyne julgou a princípio que se tratava de uma cáibra provocada por alguma má postura em cima da sela. Mas, quando baixou os olhos e viu o buraco aberto nas calças e o sangue a jorrar, constatou o que se passara, como um espectador que, lucidamente, se observasse a si próprio.

– Santo Deus! – exclamou. – Fui atingido.

A sua voz pareceu-lhe vir de muito longe. Chegou-lhe abafada pelo fragor das armas, filtrada pelos ouvidos surdos e pelo zumbido

que lhe enchia a cabeça, e sentiu-se gelar com o choque de se saber atingido.

Não lhe ocorreu deter-se nem desmontar para procurar assistência médica. Só conseguia pensar em sair dali, em voltar sem demora para Bruxelas e para a segurança que esta oferecia. Tinha coisas importantes para fazer na cidade. Naquele momento, não conseguia recordar-se de nenhuma delas, mas sabia que não podia atrasar-se.

Mais a mais, começava a ser tomado pelo pânico.

Cavalgou durante um par de minutos, até lhe parecer estar fora da zona de maior perigo. Mas a dor que sentia na perna tornara-se insuportável. Pior, continuava a sangrar copiosamente. A única coisa que trazia consigo e poderia usar para ligar a ferida era um grande lenço de assoar. Quando o tirou do bolso, receou que este não conseguisse abarcar-lhe a coxa, mas verificou que, dobrado em triângulo, era mais comprido do que lhe parecera. Com mãos húmidas e trémulas, atou-o com força acima do rasgão que tinha na coxa, num esforço que o fez tremer de dor e quase desmaiar. A bala, constatou, devia estar enfiada na carne. Sentiu uma náusea profunda. O choque deixou-o atordoado.

Havia milhares de homens com ferimentos muito mais graves do que o seu, disse a si próprio com dureza, pondo-se em marcha – muito mais graves. Seria covardia deixar-se enredar na sua dor. Devia obrigar-se a superá-la. Assim que chegasse a Bruxelas, concluiria a sua tarefa e procuraria um médico para lhe extrair a bala – nem queria imaginar! – e o coser. Sobreviveria, esperava. E a sua perna também, oxalá.

Não demorou a chegar à floresta de Soignés, mantendo-se do lado oeste da estrada para evitar o tráfego intenso que por ela seguia em ambas as direções. Passara por inúmeros soldados na floresta, alguns dos quais mortos, muitos outros feridos como ele e um grande número de desertores que fugiam do horror da frente da batalha, ou assim suspeitava. Dificilmente podia culpá-los.

Ao mesmo tempo que a sensação de choque se dissipava, a dor parecia crescer em igual medida, se é que era possível. A hemorragia,

ainda que algo controlada pelo torniquete improvisado, não estancara. Alleyne tinha frio e sentia-se tonto. Tinha de regressar para junto de Morgan.

Ah, pois, era isso!

Morgan, a sua irmã mais nova – tinha apenas dezoito anos – estava em Bruxelas, onde os seus guardiães se deixaram ficar, em vez de partirem, como a maior parte dos ingleses que durante os últimos meses haviam passado pela cidade. Os Caddick estavam agora praticamente encurralados, pois todos os veículos tinham sido requisitados pelo exército. Portanto, Morgan também o estava. Mas, pior do que isso, tinham-na deixado sair de casa sozinha logo naquele dia. Quando ele saía de Bruxelas, de madrugada, deparara com ela na Porta de Namur com outras mulheres, a tratar dos feridos que começavam a chegar à cidade.

Dissera-lhe que regressaria o mais rápido possível para se certificar de que a levariam para lugar seguro, preferencialmente de volta a Inglaterra. Pediria uma licença temporária do seu posto, para ser ele próprio a fazê-lo. Não se atrevia a pensar no que poderia acontecer à irmã se os franceses saíssem vitoriosos da batalha.

Tinha de regressar para junto de Morgan. Prometera a Wulfric, seu irmão mais velho e duque de Bewcastle, estar vigilante, embora Wulf tivesse confiado a irmã aos cuidados do conde e da condessa de Caddick quando ela lhe suplicara para acompanhar a filha destes, a sua amiga Lady Rosamond Havelock, a Bruxelas. Santo Deus! Era pouco mais do que uma criança, e era sua irmã.

Ah, pois! Também tinha de entregar a carta a Sir Charles Stuart. Quase se tinha esquecido da maldita carta. O que é que podia ser tão importante, perguntou para si próprio, que fosse necessário entrar no campo de batalha e voltar a sair, simplesmente para entregar uma mensagem e trazer resposta? Um convite para jantar naquela mesma noite? Não o surpreenderia que se tratasse de uma mera trivialidade. Começara a questionar a carreira que havia escolhido. Talvez devesse ter aceitado um dos assentos parlamentares controlados por Wulf, embora a política não lhe despertasse

o mínimo interesse. Por vezes inquietava-o, a falta de rumo que tinha na vida. Ainda que um homem possuísse riqueza suficiente para levar a vida confortavelmente sem necessidade de grande esforço, como era o seu caso, devia existir algo que lhe fizesse correr o sangue e lhe elevasse o espírito.

A sua perna parecia um balão prestes a rebentar. Embora, paradoxalmente, lhe parecesse também que ela estava cravejada de facas e se desdobrava em milhares de pontos palpitantes. A cabeça parecia tomada de uma névoa fria. Sentia gélido o próprio ar que respirava.

Morgan... Procurou a imagem dela na mente. A jovem, enérgica e obstinada Morgan. Sua irmã. A única dos seis irmãos que era mais nova do que ele. Tinha de regressar para junto dela.

Quanto faltaria para chegar a Bruxelas? Perdera a noção do tempo e da distância. Continuava a ouvir o barulho das armas. Ainda estava na floresta. À sua direita seguia a estrada, apinhada de carroças, carruagens e pessoas. Ainda há duas semanas participara num piquenique organizado pelo conde de Rosthorn naquela mesma floresta, ao luar. Era quase impossível acreditar que se tratava do mesmo lugar. Rosthorn, cuja reputação estava longe de ser imaculada, namoriscara com Morgan de forma quase imprudente e suscitara uma quantidade assinalável de rumores.

Alleyne cerrou os dentes. Duvidava que conseguisse continuar muito mais tempo. Não imaginara que fosse possível sentir tanta dor, uma dor que o dilacerava a cada passo do seu cavalo. Ainda assim, não se atrevia a desmontar. Tinha a certeza de que a pé, sozinho, não conseguiria continuar. Chamou a si todas as forças e toda a determinação, e prosseguiu. Se ao menos conseguisse chegar a Bruxelas...

Contudo, o chão da floresta era irregular, e o seu cavalo ficara tão assustado quanto ele com a terrível experiência da batalha e mostrava-se desconcertado com o peso morto do cavaleiro que transportava. O animal tropeçou na raiz de uma árvore e empinou-se, alarmado. Nada que Alleyne, em circunstâncias normais, não conseguisse controlar facilmente. Mas aquelas não eram circunstâncias

normais. Alleyne caiu pesadamente de costas. Por sorte, as botas não ficaram presas nos estribos. Não estava, porém, em condições de fazer nenhum movimento defensivo para amparar a queda e caiu pesadamente no chão, batendo com a cabeça na mesma raiz em que o cavalo acabara de tropeçar.

Ficou imediatamente inconsciente. Aliás, estava tão pálido, do sangue que perdera e da queda, que qualquer pessoa que deparasse com ele o daria como morto. O que também não seria de admirar, pois a floresta de Soignés, embora se situasse bastante a norte do campo de batalha, estava pejada de cadáveres.

O cavalo agitou novamente as patas no ar e partiu a galope.

A casa sossegada e, ao que tudo indicava, respeitável da Rue d'Arenberg, em Bruxelas, que quatro «senhoras» inglesas haviam alugado havia dois meses era na verdade um bordel. Bridget Clover, Flossie Streat, Geraldine Ness e Phyllis Leavey tinham partido juntas de Londres, pressupondo – corretamente – que o negócio floresceria em Bruxelas até aquela loucura militar chegar a algum tipo de resolução. E estavam muito perto de concretizar o objetivo que, havia quatro anos, as reunira numa aventura conjunta e forte amizade. A sua ambição, o seu sonho, era poupar o suficiente para se reformarem daquela ocupação e comprarem uma casa algures em Inglaterra que, juntas, transformariam numa hospedaria para senhoras respeitáveis. Tinham todos os motivos para acreditar que seriam mulheres livres quando regressassem ao seu país.

O sonho, porém, acabava de ir por água abaixo.

No mesmo dia em que o ribombar dos canhões a sul da cidade proclamou que as hostilidades se consumavam por fim numa batalha formidável, descobriram que o seu mundo também se desmoronava e que o dinheiro que, com tanto esforço, tinham juntado desaparecera.

Tinham sido roubadas.

E tudo por culpa de Rachel York.

Fora a própria a comunicar-lhes a notícia. Regressara a Bruxelas, pelo Norte, em vez de prosseguir para Inglaterra, como fazia agora a maioria dos ingleses que visitavam a cidade. Uma grande parte dos residentes também fugia para norte. Mas Rachel regressara. Voltara para contar a verdade terrível àquelas senhoras, que, em lugar de a inundarem de recriminações, tal como ela previra que fizessem, a acolheram, pois Rachel não tinha outro lugar para onde ir, e lhe deram o único quarto desocupado da casa.

Tornava-se então a mais recente inquilina do bordel.

Até há pouco tempo, aquela simples possibilidade tê-la-ia horrorizado. Ou talvez simplesmente a divertisse, pois Rachel possuía uma dose salutar de humor. Mas naquele preciso momento, na sua desgraça, não tinha forças para reagir à simples evidência de estar a morar com prostitutas.

Passava bem da meia-noite. Não era serão de trabalho, facto por que teria agradecido caso conseguisse pensar devidamente. Mas, depois da perturbação que a tomara nos dois últimos dias, na expectativa de regressar e comunicar a horrível notícia, agora sentia-se apenas apática.

Apática e terrivelmente culpada.

Estavam as cinco na sala. Além de não lhes apetecer propriamente ir dormir, havia ainda a emoção da batalha que consumira o dia inteiro. Tinham ouvido tudo, apesar de a contenda se desenrolar a vários quilómetros da cidade, a acreditar nos rumores. Sim, porque estes abundavam, assim como o pânico, uma vez que os cidadãos que não se tinham posto em fuga aguardavam a todo o momento que Bruxelas fosse invadida por hostes de soldados franceses enraivecidos. Contudo, o final do dia trouxera a notícia de que a batalha havia terminado, com a vitória dos ingleses e seus aliados, que empurravam agora o exército francês de volta para Paris.

«Vai servir-nos de muito», fora o comentário de Geraldine, de mãos abertas sobre as ancas generosas. «Os rapagões todos em fuga e nós para aqui sozinhas, como quatro ratos de sacristia.»

Não eram, porém, só as notícias da frente a mantê-las acordadas. Também sentiam o desalento, a raiva e a frustração, assim como um desejo ardente de vingança.

Geraldine andava para trás e para diante, secundada pelo roupão de seda púrpura que esvoaçava a cada passo seu e que, por cima da camisa de noite cor de violeta, lhe moldava a voluptuosa figura, com o cabelo negro a cair-lhe sobre os ombros e um braço rasgando o ar, qual atriz em pleno drama. A sua ascendência italiana era por demais evidente para Rachel, que estava sentada de um dos lados da lareira com um xaile pelos ombros, ainda que a noite não estivesse fria.

– Maldito verme asqueroso! – declarou Geraldine. – Esperem até eu lhe pôr as mãos em cima. Vou fazê-lo em pedaços. Vou esmagá-lo vivo!

– Primeiro, temos de o encontrar, Gerry – declarou Bridget, meia deitada na cadeira, com ar cansado. Também ela não passava despercebida, pois o seu espampanante vestido cor-de-rosa entrava em choque com o inusitado cabelo ruivo.

– Ah! Mas eu vou encontrá-lo, Bridge. Não duvides disso.

Geraldine ergueu as mãos à frente do rosto e fez questão de demonstrar o uso que lhes daria caso o pescoço do reverendo Nigel Crawley fizesse o obséquio de se posicionar entre elas naquele preciso momento.

Nigel Crawley, contudo, havia muito que desaparecera. O velhaco do clérigo, bem-parecido, por sinal, àquela hora já estaria em Inglaterra, carregado com uma choruda maquia a que chamara sua.

Rachel, por seu lado, pensava que lhe comprazeria tingir-lhe os olhos de negro e enfiar-lhe os dentes pela goela, embora, habitualmente, não fosse uma pessoa dada à violência. Se não fosse ela, aquele homem nunca teria conhecido aquelas mulheres. E, se não as tivesse conhecido, nunca teria fugido com o pé-de-meia delas.

Flossie também circulava, perturbada. Admirava que não colidisse com Geraldine. Com os caracóis louros e curtos, grandes olhos azuis, corpo franzino e roupas em tons pastéis, dir-se-ia que

tinha a cabeça cheia de ar e vento, mas sabia ler e escrever, e tinha queda para os números. Era a tesoureira da sociedade.

– Temos de encontrar aquele verme – anunciou. – Não sei como, nem onde, nem quando porque pode estar em qualquer parte de Inglaterra. Do mundo, até. E não nos resta praticamente nenhum tostão para irmos atrás dele. Mas eu encontro-o. Nem que seja a última coisa que faço na vida. E se queres o pescoço para ti, Gerry, eu trato de lhe torcer outra parte do corpo.

– Nem deves ter por onde a agarrar, de tão pequena, Floss... – disse Phyllis.

Roliça, bonita e tranquila, com o cabelo castanho sempre impecavelmente penteado e roupa simples e discreta, Phyllis em nada se assemelhava a uma prostituta aos olhos de Rachel. Com o seu inabalável sentido prático, acabava de entrar na sala de estar com uma grande bandeja com chá e bolos.

– Seja como for, quando o encontrarmos já ele terá gastado há muito o nosso dinheiro.

– Mais uma razão – concluiu Geraldine – para não lhe deixar um osso inteiro no corpo. A vingança é doce quanto baste, Phyll.

– Mas como é que o vamos encontrar? – perguntou Bridget, fazendo deslizar os dedos pelas tranças ruivas.

– Escrevemos cartas, Bridget, tu e eu – disse Flossie –, a todas as companheiras que saibam ler. Temos irmãs em Londres, em Brighton, em Bath, em Harrogate e em mais alguns sítios, não é? Fazemos correr a notícia e de certeza que o encontramos. Mas vamos precisar de dinheiro para ir atrás dele.

Flossie suspirou e parou de andar por um segundo.

– Então, a única coisa que temos de fazer é pensar numa maneira de enriquecer depressa – concluiu Geraldine, esticando novamente o braço. – Alguém tem ideias? Há por aí algum nababo que possamos aliviar?

Começaram todas a enumerar uma série de cavalheiros, que tudo indicava serem seus clientes e que estavam ou tinham estado em Bruxelas. Rachel reconheceu alguns dos nomes. Mas

as senhoras não estavam a falar a sério. Depois de uma dúzia de nomes, calaram-se e começaram a rir alegremente – um alívio, sem dúvida, depois da constatação terrível de que todas as suas poupanças haviam desaparecido, roubadas por um vigarista disfarçado de clérigo.

Flossie deixou-se cair no sofá e tirou um bolinho do prato.

– Vendo bem, pode haver uma maneira – principiou –, embora tenhamos de agir depressa. E não seria exatamente *roubar*. Não é possível roubar mortos, pois não? Já não vão dar uso às coisas que têm.

– Por amor de Deus, Floss – reagiu Phyllis, sentando-se ao lado dela com uma chávena e o pires correspondente nas mãos –, que ideia é essa? Não vou andar a assaltar campas, se é isso que tens em mente. Que bela ideia! Já nos imaginaste às quatro, de pá ao ombro...

– Os mortos da batalha, é a eles que me refiro – explicou Flossie, perante as amigas que a olhavam, petrificadas, e Rachel, que apertou mais o xaile contra si. – Não vão faltar pessoas a fazer isso mesmo. Aposto que já andam lá fora aos magotes, a fingir procurar família, quando na verdade só procuram ao que deitar a mão. É fácil para as mulheres. Só precisamos de pôr um ar apatetado e um bocadinho perturbado e de ter o nome de um homem nos lábios. Temos é de sair sem demora, se queremos encontrar alguma coisa de valor. Com sorte, recuperamos tudo o que perdemos, se formos diligentes.

Rachel ouviu o som de dentes a ranger e, quando reparou que eram os seus, apertou os lábios com força. Roubar os mortos... Era de arrepiar! Parecia-lhe saído de um pesadelo.

– Não sei, Floss – comentou Bridget, receosa. – Não parece correto. Mas não estás a falar a sério, pois não?

– Porque não? – interveio Geraldine, erguendo as mãos. – Tal como disse a Floss, não seria exatamente roubar, certo?

– E não estaríamos a prejudicar ninguém – declarou Flossie. – Já estão todos mortos.

– Oh, meu Deus! – exclamou Rachel, levando as mãos ao rosto, de onde não as retirou. – Eu é que devia encontrar uma solução. Afinal, a culpa é toda minha.

Todas as mulheres se voltaram para ela.

– Não é nada, meu amor – tranquilizou Bridget. – Nem penses nisso. Se alguém tem culpa, sou eu, por te ter deixado que me visses e te ter permitido entrar cá em casa. Devia ter a cabeça cheia de areia.

– Não foi culpa tua, Rachel – corroborou Geraldine. – Foi culpa *nossa*. Nós as quatro temos muitíssimo mais experiência com homens do que tu. Julgava-me capaz de tirar a pinta a um vigarista a um quilómetro de distância, com um olho fechado. Mas deixei-me enganar tanto como tu por aquele sacana bem-parecido.

– Também eu – acrescentou Flossie. – Durante quatro anos tive o maior cuidado com as nossas poupanças, até ele aparecer com aquelas falinhas mansas, de nos amar e respeitar porque temos a mesma profissão daquela Madalena a quem Jesus amava também. Eu esbofeteava-me, se achasse que adiantava alguma coisa. Dei-lhe as nossas poupanças para ele levar para Inglaterra e as depositar num banco, em segurança. Deixei-o levar o dinheiro, até lhe agradei! E ele desaparece. Se há algum culpado, sou eu.

– Não digas isso, Floss – interrompeu Phyllis. – Ele levou o dinheiro com o acordo de todas. Foi assim que sempre fizemos: fazemos planos juntas, trabalhamos juntas, tomamos juntas todas as decisões.

– Mas fui eu que vo-lo apresentei – reafirmou Rachel com um suspiro. – Fiquei tão orgulhosa dele por não vos ter rejeitado. Fui eu que o trouxe até aqui. Traí-vos a todas.

– Que disparate, Rachel! – interrompeu Geraldine com brusquidão. – Também te levou tudo o que tinhas, não foi, tal como a nós? E tu tiveste coragem para voltar e nos contar tudo, mesmo não sabendo se sofrerias represálias.

– Estamos a perder tempo com esta conversa inútil – protestou Flossie –, pois todas sabemos quem é o verdadeiro culpado. Se não

nos decidirmos a sair imediatamente, arriscamo-nos a não encontrar nada quando lá chegarmos.

– Eu cá, vou, Floss, mesmo se tiver de ir sozinha – declarou Geraldine. – Não faltará o que apanhar, não tenho dúvidas, e não quero perder a oportunidade. Quero ter dinheiro para ir atrás daquele canalha sem coração.

Ninguém pareceu lembrar-se de que, se o plano lhes rendesse uma boa maquia, poderiam simplesmente utilizá-la para substituir as poupanças perdidas, voltar a investir no seu sonho e esquecer-se de uma vez do reverendo Nigel Crawley, que, tanto naquele momento como dali a alguns dias ou até semanas, poderia estar em qualquer parte do planeta. A verdade é que, por vezes, a indignação e a necessidade de vingança conseguiam sobrepor-se aos próprios sonhos.

– Tenho um cliente amanhã à tarde... Quer dizer, *esta* tarde, acho eu – disse Bridget, cruzando os braços e afundando os ombros. – O jovem Hawkins. Só poderia ausentar-me um bocadinho e, para isso, não vale a pena ir, pois não?

A voz tremia-lhe ligeiramente, reparou Rachel.

– E eu não vou, mesmo não tendo a desculpa da Bridget – afirmou Phyllis, pousando a chávena e o pires com ar contrito. – Desculpem, mas ia cair redonda no chão assim que visse sangue e não vos serviria de nada. Além disso, ficaria com pesadelos o resto da vida e ia acordar-vos todas as noites aos gritos. Provavelmente, até os terei só por estar a pensar nisto. Eu fico para abrir a porta se vierem clientes enquanto a Bridget está a trabalhar.

– A trabalhar! – repetiu Flossie com um gemido. – A não ser que façamos algo em relação à nossa situação, teremos de trabalhar até sermos velhas e decrépitas, Phyll.

– Eu já sou – declarou Bridget.

– Não és nada, Bridge – reagiu Flossie com firmeza. – Estás na flor da idade. Não faltam mancebos a escolher-te a ti e não uma de nós, sobretudo os virgens.

– Isso é porque lhes lembro as mães deles – respondeu Bridget.

– Com essas tranças, Bridge?! – exclamou Geraldine, maldisfarçando uma risada nada elegante. – Não me parece.

– Eu não os deixo nervosos nem com medo de falhar – explicou Bridget. – Comigo, podem não ser perfeitos nas primeiras vezes. E que homem não demora o seu tempo a aprimorar-se? A maior parte nunca chega a ficar no ponto!

Rachel não conseguiu evitar ficar corada.

– Vamos tu e eu, então, Gerry – disse Flossie, levantando-se. – Não são uns quantos cadáveres que me hão de amedrontar. Vamos tratar da nossa vida e depois vamos fazer aquele Crawley lamentar o dia em que o pai olhou para a mãe com luxúria.

– Eu também era menina para ir – retorquiu Bridget. – Mas o jovem Hawkins insistiu em vir hoje. Quer que eu o ensine a impressionar a noiva, para quando se casar, no outono.

Bridget já entrara nos trinta. No passado, o pai de Rachel, depois de enfiar, contratara-a como ama-seca da filha, e as duas gostaram imediatamente uma da outra como se fossem mãe e filha. Mas o pai de Rachel perdera tudo às mesas de jogo – coisa que aconteceu com inquietante frequência ao longo da sua vida adulta – e acabara por se ver obrigado a despedi-la. Dera-se há cerca de um mês o reencontro das duas, por mero acaso, numa rua de Bruxelas, e Rachel ficara a saber da vida da sua querida ama. Apesar da apreensão desta, a jovem quisera reatar a amizade.

De repente, Rachel levantou-se de um salto, sem pensar no que fazia nem sequer no que ia dizer a seguir.

– Eu também vou! – anunciou. – Vou com a Geraldine e a Flossie.

Todas as atenções se voltaram para ela, com um coro de comentários. Como resposta, Rachel ergueu duas mãos apaziguadoras.

– Sou a principal responsável pelo desaparecimento das vossas economias – esclareceu. – Por mais que digam o contrário para me fazer sentir melhor, é a pura verdade. Além disso, também eu tenho contas a acertar com Mr. Crawley. Fez-me acreditar que era digno do meu amor e respeito, ao ponto de eu desejar ser sua noiva.

Roubou as minhas amigas e roubou-me a mim, e depois tentou mentir-me, julgando, sem dúvida, que além de insuportavelmente crédula eu era uma completa idiota. Se é para irmos atrás dele e isso nos custa dinheiro, eu também faço a minha parte. Vou com a Geraldine e a Flossie revistar os soldados mortos.

Melhor seria estar sentada naquele instante, pois de repente as pernas pareceram-lhe feitas de gelatina.

– Nem penses nisso, amorzinho – protestou Bridget, levantando-se e dando um passo na direção de Rachel.

– Deixa-a em paz, Bridget – interrompeu Geraldine. – Gostei de ti assim que te vi, Rache, porque és uma pessoa normal e não uma daquelas empertigadas que passam por nós de nariz levantado, como se trouxéssemos ratos mortos na carteira a empestar o ar. Mas agora gosto ainda mais de ti. Tens garra. Não o deixes comer-te por lorpa.

– Não é minha intenção fazê-lo – declarou Rachel. – Fui uma dama de companhia dócil e submissa durante o último ano inteiro e detestei todos os momentos. Se assim não fosse, seguramente não teria ficado tão fascinada com um patife sorridente como aquele. Chega de conversa. Toca a sair.

– Um viva para a Rachel! – exclamou Flossie.

Quando saiu da sala, a caminho do andar de cima para vestir roupa prática e quente, Rachel tentou não pensar sequer naquilo que estava prestes a fazer.

Vou sair com a Geraldine e a Flossie para roubar os soldados mortos.

CAPÍTULO 2

À luz ténue do amanhecer, a estrada que seguia de Bruxelas para sul parecia uma cena saída do inferno. Mal se podia transitar entre as carruagens, as carroças e os homens que caminhavam penosamente, alguns transportando padiolas, outros ajudando camaradas, ou carregando-os. Quase todos estavam feridos, alguns com gravidade. Afluíam em torrente do campo onde se desenrolara a batalha, a sul da aldeia de Waterloo.

Rachel nunca testemunhara uma sucessão de horrores tão interminável.

Inicialmente, parecera-lhe que ela, Flossie e Geraldine eram as únicas pessoas a caminhar na direção oposta. Claro está que se enganava. Havia outras, como também veículos, a dirigir-se para sul. Um destes, uma carroça conduzida por um soldado andrajoso com o rosto negro de pólvora, parou para lhes oferecer boleia, ao que Flossie e Geraldine, muito convincentes no seu papel de esposas angustiadas, aceitaram sem hesitar.

Rachel, não. A bravura que a impelira a lá chegar esmorecia rapidamente. O que estava ela *a fazer*? Como podia sequer ter *pensado* em aproveitar-se de toda aquela miséria?

– Vão vocês. Deve haver muitos feridos na floresta. Eu vou lá ver. Procuo pelo Jack e pelo Sam também – acrescentou, erguendo

a voz com intenção de se fazer ouvir pelo cocheiro ou por quem quer que estivesse por ali. – E vocês procurem pelo Harry por mim, lá mais a sul.

O disfarce e a mentira fizeram-na sentir-se infame e perversa, embora fosse improvável que alguém estivesse a prestar-lhe atenção.

Saiu da estrada buliçosa e seguiu por entre as árvores da floresta de Soignés, embora sem se afastar demasiado, não fosse perdê-la de vista e desorientar-se. Mas que diabo ia fazer agora?, perguntou-se. Definitivamente, não conseguiria prosseguir com o plano. Não seria capaz de roubar nem sequer um lenço ao cadáver de um pobre diabo. A simples ideia de ver um cadáver dava-lhe náuseas. Por outro lado, regressar de mãos vazias, sem sequer tentar, seria egoísmo e covardia. Quando Mr. Crawley se sentara com elas na sala da casa da Rue d’Aremberg a explicar o perigo que corriam, ao guardarem semelhante quantia em tempos tão incertos e, desde logo, numa cidade estrangeira, e fizera então a oferta de levar o dinheiro para Londres e o depositar em segurança num banco que lhes desse um juro decente, ela estava ao seu lado, de sorriso nos lábios, orgulhosa por as ter apresentado a um homem tão amável, ponderado e humano. Manifestara-lhe a sua gratidão. Julgara que, pela primeira vez na vida, havia encontrado um homem fiável, honesto e responsável. Chegara quase a imaginar que o amava.

Deu por si com os punhos fechados ao lado do corpo e os dentes cerrados. Mas a realidade da sua situação não demorou a expulsar aquelas inúteis recordações.

Devia haver *milhares de feridos* naquelas carroças e padiolas, concluiu, evitando olhar para a estrada que seguia à sua esquerda. Viera para o meio daquele sofrimento determinada a vasculhar os mortos e a roubar quaisquer objetos de valor que conseguisse levar consigo para vender. Simplesmente, não era capaz de o fazer.

Naquele momento, os seus olhos cravaram-se no primeiro dos cadáveres que decidira roubar e sentiu o estômago dar uma cambalhota com a ameaça de a fazer vomitar.